

Ecoserviços avança com empresa em Angola

A empresa de gestão de sistemas ecológicos está de volta a Angola, depois de ter fechado as portas em 2004.

Carlos Caldeira
carlos.caldeira@economico.pt

Um programa global de controlo é o lema da PME Líder Ecoserviços – Gestão de Sistemas Ecológicos. “A nossa ideia é começar por fazer os estudos, depois podemos fazer o controlo da construção, seguindo-se a operação e manutenção de sistemas, além de tratarmos de estudos de impacto ambiental e fazermos monitorizações do ar”, disse ao Diário Económico João de Quinhonhes Levy, presidente do grupo empresarial encabeçado pela Ecoserviços.

Mas a empresa, sediada em Lisboa, não pensa só em Portugal. Por isso está de volta a Angola, onde vai criar “uma filial ou uma empresa de direito angolano, nos próximos meses”, explica João de Quinhonhes Levy. Além disso, está presente na Madeira e nos Açores e em Macau, com uma empresa de direito chinês, desde 1996.

De volta, porque a Ecoserviços, apesar de ter em curso vários projectos “muito interessantes ao nível de águas e esgotos, fiscalizações e controlo de tratamento de esgotos”, fez a sua primeira aposta no mercado angolano em 2004, refere o presidente da empresa. “Constituímos lá uma empresa que acabámos por fechar, as coisas não correram bem. Mas voltámos e agora está a correr bem”, garante o engenheiro João de Quinhonhes Levy, adiantando que em 2004 foram “derretidos 100 mil euros em Angola”, tudo porque para que os mercados se abra às empresas portuguesas “têm de as conhecer. Não chega uma pessoa chegar lá com as malas e colocar um cartaz a dizer que é um grande especialista. Não. Os angolanos têm de nos conhecer e de ter confiança em nós”. Para João de Quinhonhes Levy, em Angola, nunca se deve esperar resultados interessantes antes de três anos de actividade. É preciso ter um arcaboço económico muito grande, porque o investimento em Angola é extremamente caro.

Mas, desta vez as coisas estão a correr de forma bem diferente: “estamos a investir em Angola com o próprio dinheiro que lá estamos a ganhar em projectos. Neste momento já não estamos a

gastar dinheiro. Nem nas viagens dos nossos engenheiros”, afirma João de Quinhonhes Levy.

Um sonho de dois engenheiros
O grupo Ecoserviços nasceu em 1983 e é hoje constituído por um conjunto de empresas que se completam por forma a fornecer um programa global de controlo da poluição adequado aos municípios e às unidades industriais em todo o território nacional, incluindo a Madeira e os Açores.

Como empresas do grupo fazem parte o laboratório Agroleico, a Isonia, que se dedica à concepção de estudos e projectos no âmbito da engenharia acústica, a Sonofabrik, que fornece e instala barreiras de insonorização e, fi-

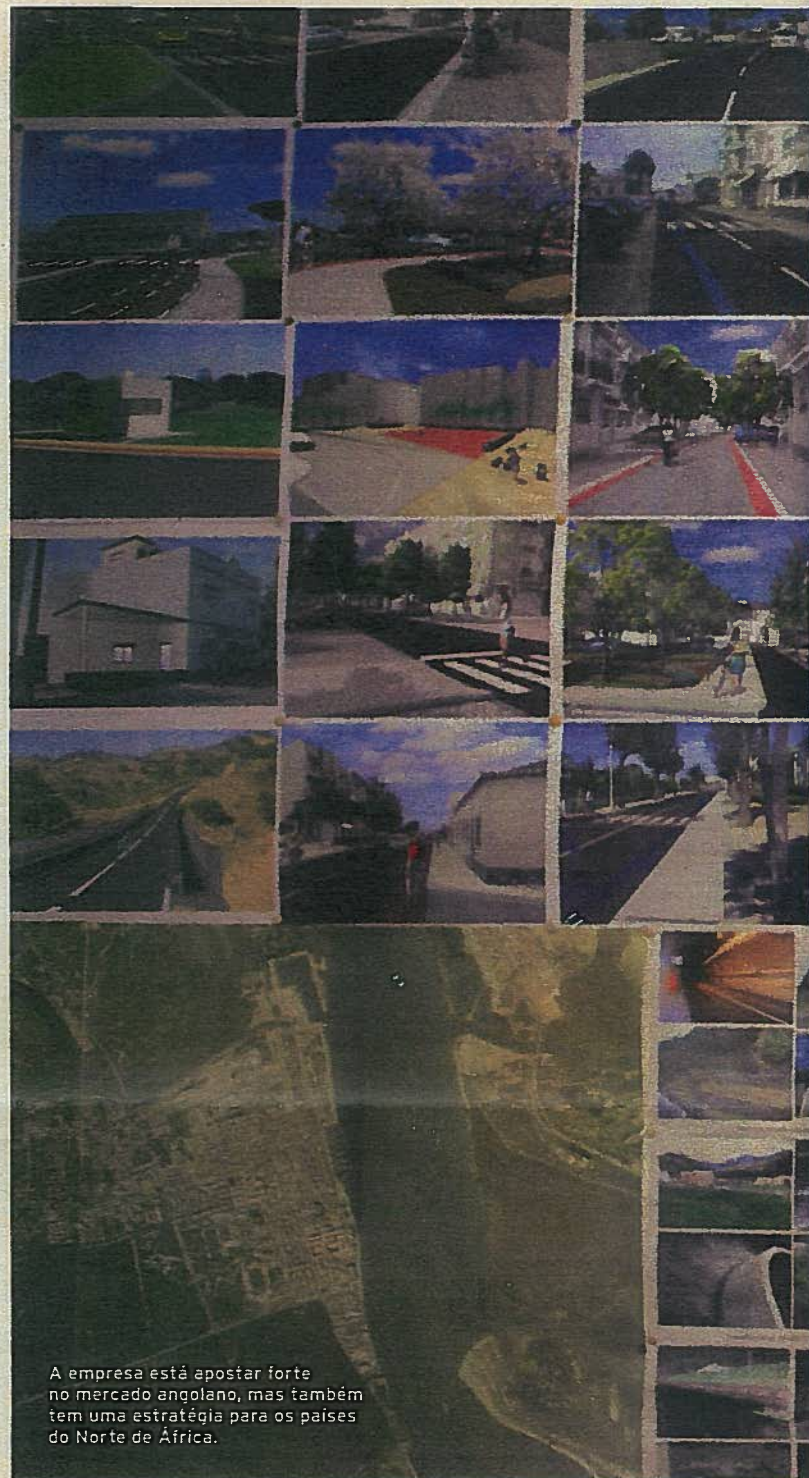
“Foram dois anos e meio difíceis, até 1985, tivemos que rapidamente abrir uma área de projectos, que era a tradicional e sempre ia trazendo dinheiro a empresa”, revela João de Quinhonhes Levy.

nalmente, a EcoAtlântico, que desenvolve a sua actividade na Região Autónoma da Madeira e a delegação da Ecoserviços nos Açores, que actua naquela região desde 1998. Além disso, a Ecoserviços Macau existe desde 1996.

Esta PME Líder, possui uma equipa técnica especializada na concepção e exploração de sistemas de tratamento, quer de águas e águas residuais, urbanas e industriais, quer de aterros sanitários, tratamento de lixiviados, encerramento de lixeiras, estações de transferência e centrais de compostagem. Mas é também especializada em ecocentros, descontaminação de solos, estudos de impacto ambiental e monitorização ambiental.

Mas como se constrói um universo empresarial destes? “A Ecoserviços foi constituída em 1983 por dois engenheiros. Eu na engenharia civil, muito ligado à área de projecto da engenharia sanitária, estamos a falar de águas, esgotos, resíduos, ruído, tudo o que hoje em dia se enquadra na engenharia do ambiente, pelo meu amigo Mário Franchi, engenheiro mecânico, que tinha a experiência do fornecimento e montagem de instalações de tratamento”, relembra João de Quinhonhes Levy.

“Foram dois anos e meio difíceis, até 1985, tivemos que rapidamente abrir uma área de projectos, que era a tradicional e sempre ia trazendo dinheiro a empresa”, revela João de Quinhonhes Levy. Mas, em 1986, “demos um pulo grande, não me posso esquecer que na altura foi o secretário de Estado do Ambiente, o engenheiro Carlos Pimenta, que acreditou na nossa empresa e nos adjudicou um trabalho muito interessante”, refere o empresário, explicando que lhes foi adjudicada a responsabilidade de agarrar em cerca de dez estações de tratamento do Estado, de diversos tipos, e mostrar que com pequenos investimentos podiam ser recuperadas. Contra a ideia de que estavam obsoletas e que iriam gastar muito dinheiro na recuperação”. Este desafio tornou a Ecoserviços conhecida no mercado. A partir daí, passaram a ser presença assídua em congressos e a serem procurados por municípios e empresas industriais. ■



A empresa está apostar forte no mercado angolano, mas também tem uma estratégia para os países do Norte de África.

ENTREVISTA JOÃO DE QUINHONHES LEVY Presidente

“Estamos a trabalhar

A empresa está a realizar parcerias com outras empresas para investir nos países do Norte de África.

Portugal é um País limitado, por isso a Ecoserviços optou por se expandir no estrangeiro, tal como as pequenas e médias empresas da Holanda e Dinamarca.

A crise levou a alguma mudança de estratégia da Ecoserviços?

Neste momento, há uma recessão no nosso País, mas mesmo que não a houvesse, o País é limitado em espaço, em dinheiro, em expansão, então pusemos os olhos noutros países. Estudei a Holanda e a Dinamarca, países também de pequena dimensão, e verifiquei que nas empresas de projectos e estudos de engenharia, a sua facturação é quase toda

feita no estrangeiro. Há cerca de cinco anos, fizemos uma experiência no Brasil que falhou.

Porquê?

Sinto que o Brasil não precisa de empresas de consultadoria de engenharia, porque têm muitas boas empresas nesta área, logo há uma preferência pelas empresas locais. O Brasil é interessante é para quem tenha capital para investir, ou na construção ou em concessões, mas não ao nível da nossa consultadoria.

Quais são os países onde estão a apostar?

Claramente em Angola, onde já temos trabalho, projectos muito interessantes ao nível de águas e esgotos, fiscalizações e controlo de tratamento de esgotos. Em Angola, fizemos uma primeira aposta em 2004, onde tivemos uma empresa que acabámos por

PONTOS-CHAVE

▶ A empresa não pensa só em Portugal. Está de volta a Angola, onde vai criar uma filial ou uma empresa de direito angolano, nos próximos meses.

▶ Desta vez as coisas estão a correr de forma bem diferente: "estamos a investir em Angola com o próprio dinheiro que lá estamos a ganhar", diz o presidente da Ecoserviços.

▶ O grupo Ecoserviços nasceu em 1983 e é hoje constituído por um conjunto de empresas que se completam por forma a fornecer um programa global de controlo da poluição.

Sara Matos



Aip em missão empresarial à Índia

No seguimento de uma primeira missão à Índia em 2008, a AIP-CE propõe-se agora liderar no âmbito do Projecto Conjunto SI Qualificação nº 7888 - PORTUGAL TOUCH 2010, a deslocação de uma delegação multisectorial de empresários portugueses aquele país com abordagem a Nova Delhi, Mumbai e Goa. Tendo, nos últimos anos, crescido de forma impressionante em termos económicos e tendo-se de igual forma desenvolvido a nível científico e tecnológico, a Índia é actualmente considerada uma das mais importantes economias emergentes da Ásia, onde sectores como as TI, biotecnologia, indústria de transformação, farmacêutica, comunicações e banca, entre tantas outras apresentam boas perspectivas de negócio e parceria.

Internacionalização das empresas portuguesas

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa realiza um almoço-Debate subordinado ao tema "A Internacionalização das empresas portuguesas", dia 25 de Novembro, com a presença de Filipe de Botton, CEO do Grupo Logoplaste. O Banco Espírito Santo (BES) é o patrocinador exclusivo deste evento. Para inscrições e esclarecimentos adicionais contactar Helena Prata, do departamento de desenvolvimento da CCILF, através do número 21 324 19 91.

Turismo Português debatido em 2011

A CTP - Confederação do Turismo Português, vai organizar no dia 12 de Janeiro a Cimeira do Turismo Português 2011 - "Portugal, o futuro como destino. Portugal, um destino como futuro", propondo uma reflexão colectiva em torno do tema das "Cidades, Pólos de Crescimento Económico e do Turismo no Século XXI". Contam-se com vários oradores internacionais, convidados, entre os quais se destaca, desde já, Rudolph Giuliani, o ex-Presidente da Câmara Municipal de Nova Iorque.

COM O APOIO DE:



com outras empresas para investir”

fechar, as coisas não correram bem. Mas voltámos e está a correr bem. É preciso percebermos que Angola é como em Portugal, para que o mercado se abra às nossas empresas têm de nos conhecer. Não chega uma pessoa chegar lá com as malas e colocar um cartaz a dizer que é um grande especialista. Não. Os angolanos têm de nos conhecer e de ter confiança em nós. Mas, não se espere ter resultados interessantes antes de três anos. É preciso ter arcaboço económico muito grande, porque o investimento em Angola é extremamente caro.

Quanto investiram em Angola da primeira vez?

Na primeira vez, derretemos 100 mil euros, foi mesmo derreter. Agora estamos a investir com o próprio dinheiro que es-

“

O que está a acontecer em Portugal, é que as empresas ligadas à área do ambiente têm como concorrente o Estado e isso é que não pode ser.

tamos lá a ganhar em projectos. Neste momento já não estamos a gastar dinheiro. Nem nas viagens dos nossos engenheiros.

Mas, que outros mercados são a aposta da empresa?

Outros mercados, tão importantes como Angola, é o Norte de África. E estou a falar de Marrocos, Argélia e Líbia, onde estamos a trabalhar em conjunto com empresas portuguesas de construção civil e com a Sitel, do nosso grupo. De facto, as empresas de construção têm muito mais facilidade de investir que uma empresa de projectos. Repare que 10% de lucro de uma obra de um milhão de euros, são 100 mil euros e a mesma percentagem num projecto de dez mil euros são mil euros. Aqui o lucro que eu decida reinvestir é totalmente dife-

rente nestas empresas. Logo é boa esta parceria com empresas de construção civil, boas e sérias, e é isso que temos de procurar para ir para estes novos mercados.

Qual foi o volume de negócios da Ecoserviços em 2009?

Foi de 6,1 milhões de euros, contra os 7 milhões do ano anterior.

É a crise?

O que está a acontecer em Portugal, é que as empresas ligadas à área do ambiente têm como concorrente o Estado e isso é que não pode ser.

Como assim?

É simples, o próprio Estado faz empresas que, ou ficam com o mercado todo no regime de monopólio, ou criam empresas de capitais públicos para ir a esses negócios. ■